

# ENTREVISTA COM A PROF.<sup>a</sup> DRA. VIVIANE LOURO

**Gabrielle Olímpio Viana da Silva**  
*Universidade Federal de Pernambuco*  
*gabrielle.olimpio@ufpe.br*

**José Igor Gonçalves Monteiro**  
*Universidade Federal de Pernambuco*  
*igor.gmonteiro@ufpe.br*

**Gustavo Andrade Maciel**  
*Universidade Federal de Pernambuco*  
*gustavo.andrademaciel@ufpe.br*

*Submetido em: 15/04/2023*  
*Aprovado em: 30/04/2023*

## Apresentação

Viviane Louro<sup>2</sup> é docente e coordenadora do curso de licenciatura do Departamento de Música da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). É doutora em Neurociências pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), mestra em Música pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), pós-graduada em Criminal Profile pela Unyleia, bacharela em Piano Erudito pela FMU-FIAM-FAAM e técnica em Piano Erudito pela Fundação das Artes de São Caetano do Sul. Pesquisadora, há 22 anos, da área de Educação Musical Inclusiva, Música e Neurociências, Música e Psicomotricidade e Neurocriminologia. Autora de cinco livros sobre a temática música e inclusão; organizadora de um livro sobre saúde mental na universidade, de um livro sobre música e tecnologia para diversidade, de dois livros sobre música e inclusão, de dois livros sobre neurociências; e autora de uma HQ científica sobre neurociências (Cerebrando - A música no cérebro) e de um livro infantil sobre inclusão. Criadora do *site Música e Inclusão* ([www.musicainclusao.wordpress.com](http://www.musicainclusao.wordpress.com)) e organizadora do Simpósio de Educação Musical Especial. Na UFPE é coordenadora da Liga Acadêmica de Neurociências Aplicadas, do curso de especialização em Neurociências, Música e Inclusão e do projeto de extensão em saúde mental PROBEM DO CAC, além de membra da Comissão de Humanização e Saúde mental Bem-estar UFPE e da Comissão de Convivência Discente. Foi por dois anos membra da Associação de Neurocriminologia de Pernambuco e diretora musical dos grupos cênicos-musicais Catatreko ([www.catatreko.wordpress.com](http://www.catatreko.wordpress.com)) e Todo Tom. Detentora de dezessete prêmios nacionais de piano, dois prêmios em artigos científicos e quatro prêmios em projetos socioeducativos. Em 2017 foi *speaker* do TedTalk Recife. Atualmente toca no trio pernambucano de música popular Grupeto, além de participar constantemente de palestras em congressos e entrevistas em programas de rádio, internet e TV.

Com uma trajetória inicial bastante conturbada, a Prof.<sup>a</sup> Viviane Louro,<sup>3</sup> nesta entrevista, responderá a perguntas sobre o seu processo de formação musical e acadêmica e também contará um pouco sobre seus projetos como pesquisadora na área da Educação Musical Inclusiva.

Entramos em contato com ela e mostramos o nosso interesse em entrevistá-la. Logo após aceitar, encaminhamos as perguntas para o seu e-mail, no dia 6 de abril de 2023 e fomos respondidos no dia 7 de abril de 2023. Esta entrevista foi elaborada por Gabrielle Olímpio Viana da Silva,<sup>4</sup> José Igor Gonçalves Monteiro<sup>5</sup> e Gustavo Andrade Maciel<sup>6</sup> – os

---

2 As informações sobre a Prof.<sup>a</sup> Dra. Viviane Louro foram extraídas de seu *site* pessoal, onde também é possível obter mais informações acerca de seu trabalho. Disponível em: <https://musicainclusao.wordpress.com/>. Acesso em: 14 abr. 2023.

3 A Prof.<sup>a</sup> Dra. Viviane Louro assinou o Termo de Consentimento para a publicação da entrevista no Dossiê "Educação Musical Especial e Inclusiva: diálogos sobre políticas, formação de professores e práticas" da revista *Orfeu*.

4 Graduanda em Licenciatura em Música pela Universidade Federal de Pernambuco com ênfase em Saxofone e formada no curso preparatório do Conservatório Pernambucano de Música.

5 Graduando em Licenciatura em Música pela Universidade Federal de Pernambuco com ênfase em Piano Erudito. Professor de piano na instituição BSB Musical.

6 Graduado em Licenciatura em Música pela Universidade Federal de Pernambuco e formado no curso técnico em Teclado Eletrônico pelo Conservatório Pernambucano de Música.

dois primeiros são estudantes e o último é ex-estudante do curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Pernambuco.

**Entrevistadores:** Você poderia falar um pouco sobre a sua formação musical? Se teve alguma dificuldade neste processo, se encontrou barreiras, como conseguiu superá-las.

**Louro:** Minha formação musical foi um pouco conturbada, pois, como nasci com uma deficiência que até hoje não tem diagnóstico preciso, ninguém sabia muito bem o que fazer comigo ao piano, pois, quando criança, eu tinha os movimentos das mãos muito limitados. **Eu comecei a estudar piano aos quatro anos de idade** com uma professora particular perto da minha casa. Depois dela, passei por mais duas professoras particulares, até que, aos oito anos de idade, descobri a Fundação das Artes de São Caetano do Sul<sup>7</sup> e lá entrei para fazer musicalização. Na Fundação comecei a estudar piano somente aos 12 anos de idade, mas foi somente aos 14 anos que encontrei um professor que realmente fez diferença na minha vida e assumiu o desafio de me transformar em pianista. Esse professor, chamado Claudio Tegg, se dedicou muito para tentar resolver minhas dificuldades técnicas. Devido à minha deficiência, que é na musculatura, eu tenho uma hipotonia<sup>8</sup> importante, o que faz com que eu canse muito fácil, tenha menos força e menos agilidade em todos os movimentos. Para um pianista, agilidade e força são importante. Esse era um desafio que precisava ser resolvido, e foi o Cláudio Tegg que conseguiu resolver essa questão a partir de estudos sobre meu caso e com exercícios bem específicos ao piano. Devo muito a esse professor, que atualmente é um amigo querido. Fiquei estudando com o Cláudio por quatro anos (dos 14 aos 18), mas aos 16 anos passei também a ter aulas particulares com a Marisa Lacorte. Ela é um mito do piano e mudou a maneira de eu compreender o fazer musical e, de certa forma, a maneira de encarar a vida. **Marisa fez eu perceber a musicalidade que eu tinha e me ajudou a desabrochar. Cláudio me deu minhas mãos, Marisa me deu minha música.** Sou eternamente grata a esses dois professores, que, em vez de verem as dificuldades que eu tinha, viram o potencial e investiram nele. Terminei a Fundação das Artes e a escola aos 16 anos, entrei no Bacharelado em Piano na FAAM<sup>9</sup> e continuei meus estudos por lá com a Marisa Lacorte até os 20 anos, quando terminei a faculdade. Entrei direto no Mestrado em Educação musical na UNESP<sup>10</sup> aos 20, onde terminei aos 22 anos. Portanto, minha formação musical, posso dizer que começou aos quatro anos de maneira meio “bagunçada”, mas considero mesmo somente aos oito anos, quando entrei na Fundação das Artes, e terminou aos 22 anos, quando saí do mestrado. Na época em que eu estava na faculdade, me deparei com alguns professores

---

7 Fundação que abriga escolas de artes visuais, dança, música e teatro, localizada no município de São Caetano do Sul, na cidade de São Paulo.

8 Hipotonia muscular define-se como a diminuição da resistência do movimento passivo, onde há a diminuição ou ausência do tônus muscular, muitas vezes associada à diminuição da força. Disponível em: <https://www.fisioterapiaeiras.com/servicos/fisioterapia/hipotonia-muscular>. Acesso em: 14 abr. 2023.

9 Faculdades Metropolitanas Unidas Educacionais LTDA. Sua sede atualmente é localizada na avenida Santo Amaro, n.º 1239, Vila nova Conceição, São Paulo, SP. Disponível em: <https://portal.fiamfaam.br/>. Acesso em: 14 abr. 2023.

10 Universidade Estadual Paulista.

que foram muito especiais em meu caminho também: Sidney Molina, Orlando Mancini, Marisa Ramires, Marília Pini e Ricardo Rizek; essas pessoas mudaram a maneira de eu compreender música e me ofereceram um aprofundamento teórico, filosófico e estético magnífico. Sou muito grata a eles também.

**Entrevistadores:** Você poderia falar um pouco sobre a sua formação acadêmica e sua atuação como pesquisadora?

**Louro:** Minha formação acadêmica foi mais conturbada que a musical. Na verdade, eu sempre fui uma pessoa muito humilde do ponto de vista social (financeiro) e nunca tive nenhuma pretensão de fazer nada além da faculdade. Na verdade, nem faculdade eu pensava em fazer, eu só queria mesmo é tocar piano, mas, quando entrei na Fundação das Artes, descobri que existia faculdade de música e tive vontade de fazer, por isso segui meus estudos. Sendo bem sincera, eu não sabia o que era mestrado ao terminar a faculdade. No entanto, eu tive uma forte crise existencial ao fim da faculdade, comecei a questionar tudo em minha vida e acabei me afastando um pouco do piano. Foi quando um grande amigo, o Mario Videira (hoje professor da USP)<sup>11</sup> tentou me tirar da crise e me sugeriu que eu e ele prestássemos o mestrado da UNESP. Aí foi que eu descobri que existia mestrado, mas eu nem sabia exatamente o que e como era um mestrado. Na minha cabeça, era tipo um curso de um ano e só, nem imaginava o que era fazer uma pesquisa. Então, fiquei sabendo que tinha que enviar um projeto e comecei a pensar no que eu poderia fazer. Na verdade, eu queria fazer um projeto sobre ensino de piano para crianças, pois nessa época eu dava aulas para várias crianças. Fui conversar, então, com meu ex-professor Orlando Mancini e perguntei o que ele achava da minha ideia de pesquisa sobre ensino de piano para crianças, e foi ele que me despertou para a questão da **educação inclusiva**. Ele me disse: “Vivi, você tem uma história pessoal muito interessante, pois você conseguiu driblar várias dificuldades para se tornar pianista. Por que você não investe em alguma pesquisa sobre isso? Pode ajudar outras pessoas”. Foi então que pensei que poderia ser uma boa proposta. Fiz o projeto e a prova do mestrado e passei, mas no mestrado tive muitas dificuldades com meu tema de pesquisa, pois, na época, ninguém falava em inclusão no ensino de música. As pessoas tinham dificuldade de entender o que eu queria pesquisar, além do que, não tinha bibliografia sobre isso no Brasil e meu inglês era péssimo, o que dificultava o acesso à literatura estrangeira. Fui buscar auxílio em outras áreas e descobri que, na Associação da Criança com Deficiência<sup>12</sup> (AACD), em São Paulo, onde morava na época, tinha um grande setor de musicoterapia<sup>13</sup> que abria vagas para estagiários anualmente. Fui até lá e conversei com a responsável pelo setor, Marilena Fernandes, e expliquei sobre minha pesquisa, que era sobre adaptações para instrumentos musicais. Ela me disse que o que eles faziam lá era musicoterapia e não tinha nada a ver com o que eu queria fazer, mas que, se eu quisesse, poderia prestar para o

---

11 Universidade de São Paulo.

12 Organização sem fins lucrativos focada em garantir assistência médico-terapêutica em ortopedia e reabilitação. Disponível em: <https://aacd.org.br/a-aacd>. Acesso em: 14 abr. 2023.

13 Prática musical no contexto clínico de tratamento.

estágio lá para aprender mais sobre as deficiências e ter contato com pacientes do setor de musicoterapia, pois eles usavam muitas adaptações. Então o fiz e entrei. Fiz dois anos de estágio lá no hospital, mais de 400 horas de estágio. **Foi a melhor coisa que fiz na minha vida, pois foi ali que comecei a compreender as particularidades das deficiências**, pois, além de ver na prática o trabalho dos setores do hospital, semanalmente tínhamos aulas com os médicos, e essas aulas me deram subsídio teórico para minha pesquisa. E foi em uma dessas aulas que eu conheci o Dr. Luis Alonso, que passou a ser meu “anjo da guarda”, pois ele praticamente me adotou academicamente. Ele me ensinou tudo o que eu precisava saber sobre a área de pesquisa, sobre metodologia e, principalmente, sobre as doenças e deficiências. Ele se tornou meu co-orientador no mestrado, e digo com muita tranquilidade que só consegui concluir o mestrado por causa dele. Depois viramos amigos, e ele foi sempre meu conselheiro e porto seguro na área de inclusão. Ele que me convenceu a escrever meu primeiro livro, a fazer meu *site* e a ir para o doutorado, pois confesso que não tinha pretensão de nada disso. Posso dizer, sem dúvidas, que **sou quem sou hoje profissionalmente na área de inclusão e neurociências por causa dele**. Eu também aprendi a dar aulas com ele, pois suas aulas eram magníficas e muito divertidas. Infelizmente em 2016 ele teve um AVC muito forte e ficou de cama até 2022, quando faleceu, aos 50 anos. Ele se foi muito novo, o que foi uma perda irreparável para a área de Medicina e pesquisa genética, mas ele deixou um grande legado, e **eu prometi a ele que faria pelos outros o que ele fez por mim em forma de gratidão**. Depois que terminei o mestrado em 2003, passei dez anos trabalhando muito na área de inclusão, saúde mental e ensino musical especializado. Em 2013 resolvi adentrar o doutorado e consegui ser admitida na UNIFESP,<sup>14</sup> no Departamento de Neurologia/Neurociências, onde fiz uma pesquisa sobre música, autismo e neuro. Terminei o doutorado em 2017. Recentemente fiz uma Pós-Graduação em *Criminal Profile*, outra paixão que tenho, a área forense, mas essa é outra história já...

**Entrevistadores:** No Brasil, você foi uma das pioneiras (se não a pioneira) a produzir pesquisas sobre educação musical e deficiência. Em 2003, você publicou seu primeiro artigo sobre o tema: “O portador de deficiência e a educação musical: conceitos e preconceitos na Revista Nacional Reabilitação”.<sup>15</sup> Até então, só se falava em musicoterapia para pessoas com deficiência. Como você vê a produção científica na área da Educação Musical para pessoas com deficiência? (Onde estávamos e para onde estamos caminhando?)

**Louro:** Sim, fui uma das pioneiras nesse assunto no Brasil. Na verdade, o meu livro *Educação musical e deficiência: propostas práticas*, de 2006, foi o primeiro a ser lançado em território nacional, assim como meu *site*, Música e Inclusão ([www.musicaeinclusao.wordpress.com](http://www.musicaeinclusao.wordpress.com)). Devido a esse pioneirismo, acabei ficando muito conhecida nacionalmente, passei a ser referência nessa área e acabei sendo formadora de professores por muitos anos em todo o Brasil. De fato, nessa época citada por vocês, só se falava em musicoterapia. Fui eu quem começou a insistir na questão de que uma pessoa com

14 Universidade Federal de São Paulo.

15 Disponível em: <https://musicaeinclusao.wordpress.com/publicacoes-sobre-musica-e-inclusao/>.

deficiência poderia também estudar música, e não somente se tratar com música. Hoje as coisas estão bem melhores nesse campo. Já temos muitas pesquisas, pesquisadores importantes em todo o Brasil e vários outros livros. Então, de um modo bem geral, melhorou muito. Agora, quando colocamos uma lupa em tudo isso, vemos que ainda temos um caminho enorme a percorrer, pois, por mais que tenham professores e pesquisadores interessados na temática, se formos comparar com o tamanho do Brasil e as necessidades da área musical, veremos que há uma escassez imensa de profissionais, pesquisas, literatura e, principalmente, ações práticas. Uma coisa é pesquisar sobre o assunto e publicar um artigo teórico, outra, bem diferente, é trabalhar na prática. Falar que a música para um surdo, por exemplo, é importante e justificar teoricamente é fácil. Agora, [para] dar aulas de música para surdos, precisa de conhecimentos muito específicos na área da surdez e de Libras,<sup>16</sup> além de metodologias muito próprias para esse universo. Então aí começam os problemas, pois **“achar a inclusão linda e importante” todo mundo acha, mas, realmente, fazer com que todas as pessoas com deficiências e transtornos tenham acesso real ao fazer musical é outra história.** Então, concluindo minha fala, posso dizer que, do que era há 20 anos, melhorou, mas, em relação ao que deveria ser, está muito, muito ruim ainda. Leis garantindo a inclusão, tem muitas e são todas ótimas, mas “papel” não resolve, ação, sim. Portanto, temos que sair das leis, dos projetos políticos curriculares das faculdades, das ementas das disciplinas, dos artigos e das conferências em congressos de música e partirmos para ações efetivas. Isso não depende somente de um “discurso” bonito, mas depende de mudança de atitude, investimento financeiro e, principalmente, depende de repensarmos os modelos de ensino em música e formarmos melhor os professores para atuarem com a diversidade.

**Entrevistadores:** Sobre a Viviane autora do livro *Educação Musical e Deficiência: propostas pedagógicas* (2006), o que mudou na sua forma de pensar a Educação Musical para pessoas com deficiência?

**Louro:** Essa questão é difícil de responder, pois minha forma de pensar o ensino musical muda todos os dias, de acordo com o que vou estudando e, principalmente, com as experiências práticas, dando aulas. Desde que comecei a aprofundar os estudos das neurociências, passei a entender a deficiência como uma condição neurofuncional da pessoa, e não como uma disfunção, ou seja, cada pessoa é única e tem seu próprio aparato neurocognitivo para aprender, e esse sistema operacional do aprendizado depende de muitas questões para se desenvolver: genética, desenvolvimento gestacional, alimentação, estímulos na infância, afeto e incentivo emocional, experiências pelas quais o indivíduo passa, influência social, métodos escolares, dentre outras. Então, uma pessoa com deficiência não é uma pessoa com uma patologia, é uma pessoa que tem uma história de vida que vai desde sua ancestralidade genética até o dia que ela senta a primeira vez na minha sala de aula. Portanto, **eu não posso focar somente a deficiência dela, mas nela como um todo**, como um ser biopsicossocial,<sup>17</sup> sendo que a deficiência é uma de

16 Língua Brasileira de Sinais.

17 Modelo da Medicina que estuda a causa e a evolução das doenças considerando os aspectos biológicos, psicológicos e sociais. Fonte: <https://www.significados.com.br/biopsicossocial/#:~:text=Biopsicossocial%20%C3%A9%20um%20modelo%20da,restri%C3%B7%C3%B5es%20aos%20fatores%20biol%C3%B3gicos>. Acesso em: 14 abr. 2023.

suas características, dentre tantas outras. Quando a gente olha assim, na verdade, **pouco importa se a pessoa tem deficiência ou não, pois o que passa a ser foco é o indivíduo, e tento pensar minha aula para o indivíduo globalmente.** Portanto, se tenho um aluno com síndrome de Down, vou tentar compreender quem é essa pessoa como um todo, o que ela gosta e não gosta na vida dela, como foram suas experiências com música e na vida, de modo geral, como foi toda a trajetória de tratamento e aprendizado dela, como é sua relação com a família, amigos e com ela mesma, se ela lida bem com a deficiência dela ou não, quais são suas dificuldades gerais no aprendizado e suas habilidades. A partir daí, vou criar um plano de aula. Sendo assim, isso serve para qualquer pessoa, não só para quem tem deficiência. Eu posso ter em minha sala de aula um aluno com autismo, por exemplo, e um aluno aparentemente sem nenhum diagnóstico; no entanto, o aluno com autismo pode ter mais facilidade de tocar piano do que o outro aluno sem autismo, compreende? Pois aprender depende do cérebro, e o cérebro depende de uma construção constante desde a fecundação, então eu posso ter um aluno com autismo que teve uma construção neurocognitiva boa e uma pessoa “sem deficiência nenhuma” que teve uma infância péssima, disfuncional e que, por isso, não desenvolveu as habilidades neurológicas necessárias para o aprendizado. Hoje, para mim, **eu não foco a deficiência somente, mas a pessoa, e eu entendo que inclusão é para todo mundo, e não só para quem tem deficiências.** Agora, isso não elimina o fato de que as patologias têm, sim, suas características e que preciso olhar para isso. Sempre estudo profundamente o diagnóstico dos alunos que tenho para entender do que se trata, pois claro que isso precisa ser considerado. Mas o que estou querendo dizer, de modo geral, é que, quando penso em ensino de música para pessoas com deficiência, penso em um ensino personalizado; mas, quando penso em ensino de música para pessoas sem deficiências, também penso em um ensino personalizado, compreende?

**Entrevistadores:** Você acha que os cursos de Licenciatura em Música estão preparando efetivamente os futuros professores de música para atuarem em contextos inclusivos?

**Louro:** Nem um pouco. **Nossos cursos de licenciatura são muito falhos em relação a essa questão.** Primeiro, porque nem todos têm disciplinas voltadas para a inclusão, por incrível que pareça. Segundo, porque os que têm disciplinas nessa área são, muitas vezes, em formato eletivo, ou seja, o aluno faz se quiser, o que é um absurdo, pois, quando ele sair da faculdade e for para a sala de aula, ele não poderá dar aulas para alunos com deficiências somente se quiser. Isso hoje é lei, e o professor é obrigado a ter o aluno em sua sala. Então, para mim, no mínimo, deveria ter mais de uma disciplina sobre isso nos cursos de licenciatura, e todas obrigatórias. O que as pessoas não entenderam ainda é que **as pessoas com deficiências e transtornos estão adentrando as salas de aula cada vez mais**, então é muito comum haver salas de aula com vários alunos com deficiências. Sendo assim, **se formar para dar aulas na escola é se formar para dar aulas para a diversidade humana que tem na sala de aula**, e dentro dessa diversidade temos as pessoas com deficiências e transtornos. Eu sinceramente acho que os cursos de Música deveriam ser voltados para o ensino inclusivo como foco principal, porque quem aprende

somente a dar aulas com os métodos convencionais, pensando em alunos típicos (sem deficiências, consegue dar aulas somente para esses alunos. No entanto, quem aprende a dar aulas para diversas condições neurocognitivas, motoras e emocionais, consegue dar aulas para qualquer pessoa. Logo, na minha visão, se todos aprendessem a dar aulas para pessoas com diversos diagnósticos, seriam professores bem formados para dar aulas para qualquer pessoa, incluindo as típicas. Agora, quem sai somente estudando os métodos tradicionais fica limitado na sua atuação.

**Entrevistadores:** Para você, o que é necessário para a atuação do músico com deficiência na atualidade?

**Louro:** Bem, primeiramente, ter músicos com deficiências, né? Claro que eles existem, mas onde estão? Quantas referências temos de grandes músicos de alta performance que tenham deficiência ou transtorno? Então, assim, primeiro, acho que **precisamos formar pessoas com deficiências de forma mais eficiente na performance musical**. Segundo, dar oportunidade. Ainda temos uma sociedade extremamente capacitista, que, quando vê uma pessoa com deficiência tocando, acha “bonitinho”, ou diz que “é coisa de Deus”, ou acha que é superação. Então, a primeira coisa é **ver uma pessoa com deficiência como uma pessoa, e não como um ser especial de outro mundo ou alguém que veio para mostrar a superação para o mundo**. Segundo, termos escolas de música e professores realmente preparados para lidar com os diferentes tipos de deficiências. Terceiro, divulgar mais as pessoas com deficiências que estão despontando na performance musical ou na área da docência e pesquisa em Música. Protagonismo é a palavra. **Falamos muito sobre empoderamento das mulheres, sobre a inserção dos negros em seus lugares de fala na sociedade, mas e as pessoas com deficiências?** São sempre os outros falando por elas e ensinando e mostrando o que é importante para elas... Por quê? Protagonismo... espero ver mais isso entre os artistas com deficiências.

**Entrevistadores:** O que você poderia nos dizer sobre a presença de pessoas com deficiência no meio acadêmico? O que mudou desde a sua graduação?

**Louro:** Como já comentei, mudou muita coisa. Eu sempre fui a única pessoa com deficiência a estudar música nos locais em que estudei, até meu doutorado. Isso é meio assustador, né? Pense que uma mulher seja a única mulher ou um negro, o único negro dentro de um contexto educacional por mais de 20 anos... Chega a ser bizarro. No entanto, eu sempre fui a única pessoa com deficiência nos locais onde estudei, tanto que meus amigos e namorados sempre foram pessoas sem deficiências, pois raramente tinha alguma pessoa com deficiência nos ambientes onde frequentava. Hoje, sendo professora da UFPE,<sup>18</sup> fico muito feliz em ver que temos muitos alunos com deficiências no curso de Música. Na UFPE, desde que entrei como professora em 2016, já lecionei para pessoas com deficiência visual, auditiva, física, além de autismo, transtornos de aprendizagem e transtornos emocionais/psiquiátricos. Ou seja, as pessoas estão chegando na universidade,

---

18 Universidade Federal de Pernambuco.



o que é ótimo. As cotas têm ajudado muito nessa questão. Agora, tem o lado complicado, pois as pessoas estão chegando, mas a universidade não está preparada, os professores não têm formação, nosso sistema de ensino é rígido, conteudista e inflexível, fora todo o preconceito que ainda existe no imaginário das pessoas. Então, se me perguntar se está dando certo, eu diria que ainda não, mas torço e trabalho diariamente para que um dia dê certo a inclusão nos cursos de Música.

**Entrevistadores:** Com relação à participação das pessoas com deficiência nos espaços culturais, como você vê a questão da acessibilidade cultural?

**Louro:** Que acessibilidade cultural? Eu mesma nunca assisti a uma ópera ou a um show que tivesse audiodescrição ou Libras, fora que os locais estão começando se adaptar fisicamente há alguns anos e nem todos os estabelecimentos ainda têm rampa, elevadores e assentos reservados para cadeirantes, obesos, dentre outros públicos. Quantos filmes notêm têm Libras no cantinho da tela? Eu nunca vi. Quantos concertos de orquestra oferecem equipamento vibrotátil<sup>19</sup> para surdos? Eu nunca vi. Quantas opções artísticas temos diariamente adaptadas para as questões sensoriais do autismo? Eu nunca vi. Então digo: que acessibilidade cultural?

**Entrevistadores:** O que você acha que precisa ser feito para que as pessoas com deficiências tenham mais acessibilidade ao estudo musical e maior visibilidade na performance?

**Louro:** Primeiramente, boa vontade das pessoas. Quando eu insisto muito nessa questão da inclusão no ambiente de trabalho, geralmente ouço: "Ah, mas tem que ver que ainda estamos começando a falar disso, estamos aprendendo, você não pode exigir tanto assim etc. No entanto, as leis que versam sobre o ensino inclusivo têm mais de 40 anos, então não é recente, mas as pessoas não querem sair da zona de conforto e mudar suas práticas e ótica sobre a questão. Às vezes penso: a pandemia da Covid-19 fez com que nos adaptássemos em tempo recorde ao mundo virtual. **Se em menos de um ano estávamos todos nós fazendo tudo apenas virtualmente, como que em 40 anos se falando sobre inclusão na faculdade ou escolas ainda não se adaptaram minimamente?** Então será mesmo que é questão de tempo? Outra coisa que precisa é investimento. É impossível pensar em acessibilidade e inclusão sem investimento financeiro. Custa caro adaptar prédios, formar professores, adaptar materiais, construir salas de recursos, adquirir tecnologias assistivas, e cadê o dinheiro? Nunca tem, então nunca vai se incluir, simples assim. Outra coisa e talvez a mais importante: mudar o sistema de ensino. O modo de ensinar ainda é tecnicista,<sup>20</sup> conteudista e amarrado. Grade curricular já diz tudo: você está preso em grades de conteúdos estipulados por um grupo de pessoas que julgam o que é o melhor a ser aprendido. Só isso já é a antítese da inclusão que visa adaptar

---

19 Dispositivo que permite aos usuários ouvir música, utilizando apenas o tato para identificar diferentes tipos de variações sonoras dentro do espectro audível (MINARI, 2022).

20 Linha de ensino adotada por volta de 1970, que privilegia excessivamente a tecnologia educacional, transformando professores e alunos em meros executores e receptores, sem qualquer vínculo com o contexto social. Fonte: <https://www.educabrasil.com.br/pedagogia-tecnicista/>. Acesso em: 14 abr. 2023.

os conteúdos e estratégias para as pessoas, e em nosso sistema queremos adaptar as pessoas aos conteúdos e formatação da instituição. **Enquanto for assim, dificilmente conseguiremos acessibilizar o estudo musical a todos.** Enquanto pensarmos que, para tocar bem, violino o “arco” tem que estar em tal ângulo e o ombro em tal posição ou enquanto achamos que a técnica ideal de tocar piano é com a mão em forma de arco e que a pessoa precisa ter mãos grandes, dentre outros exemplos, estaremos excluindo todos os quais não conseguem cumprir essas exigências. Eu penso que a técnica ideal é a que faz a música sair bonita e que a pessoa não sinta dor. Se pessoas possuem corpos diferentes, então as técnicas precisam se adequar aos corpos, e não o contrário. Dentro dessa questão da formação docente e da mudança do sistema de ensino, **precisamos discutir mais, dentro da academia, as deficiências, os transtornos, os dilemas humanos, a inteligência emocional, dentre outras questões.** Fazer de conta que os problemas, condições ou patologias não existem na sala de aula não significa que deixarão de existir, só significa que teremos alunos com diversas condições e não saberemos disso – o que, ao meu ver, não contribui em nada com o processo de inclusão e de aprendizagem. Precisamos atentar que há deficiências visíveis, como a visual, a síndrome de Down ou a tetraplegia, mas há uma infinidade de outras condições, patologias ou transtornos que não “têm cara”, como, por exemplo, o autismo, os problemas de aprendizagem, a depressão, os transtornos de ansiedade, dentre outros. Sendo assim, não podemos nos preocupar com a inclusão somente quando vemos que temos um aluno com deficiência aparente, mas também quando aparentemente não temos nenhum caso, pois não sabemos se a pessoa tem alguma condição que dificulte sua socialização ou aprendizado. Por isso, sempre digo: precisamos conhecer os alunos, precisamos conversar com eles, precisamos, acima de tudo, ter um ótimo vínculo afetivo para que eles se sintam à vontade e seguros o suficiente para nos dizer se há algo que podemos fazer para melhorar seu processo de aprendizagem. Hoje em dia estamos lidando com questões que há dez anos não se falava ou não se via: por exemplo, a questão da diversidade de gênero na sala de aula ou a crescente dos massacres ou suicídios em escolas. Ou seja, o mundo mudou, e nós, como professores, temos que mudar também. O discurso do “não sou formado para isso” ou “o meu papel aqui é somente dar aulas” não cabe mais, pois nosso alunado atual não é o mesmo de 20 anos atrás. A escola precisa se atualizar, e isso significa formar melhor os professores, ar com as questões que vêm aparecendo no contexto escolar e, acima de tudo, compreender que **incluir não é para um cadeirante ou cego, mas para todos nós.** Muitos dos massacres em escolas que temos visto estão ligados a pessoas com perfis adoentados que nunca se sentiram incluídas na sociedade. Muitos suicídios acontecem por jovens que se sentem emocionalmente abandonados, incompetentes, improdutivos, incompreendidos ou sem sentido na vida. Portanto, a inclusão não é para que não tem uma parte do corpo ou a falta de um sentido, mas para todos, inclusive para os que aparentemente não têm nenhum diagnóstico, pois **somos humanos e, por isso, seres sociais e necessitamos pertencer a um grupo que nos dê segurança e amor para nos desenvolver.** A neurociências já provaram isso, sendo que a escola e a universidade são locais em que as pessoas passam muito tempo de suas vidas e convivem com muitas pessoas, ou seja, se o ambiente acadêmico não for humanizado, acolhedor

e inclusivo para todos, falhamos como instituição de ensino, na minha opinião. Por último, precisamos diminuir o capacitismo e a psicofobia na área musical. O capacitismo é o preconceito com pessoas com deficiências, e a psicofobia é o mesmo em relação às pessoas com transtornos mentais. Entender que todo mundo a qualquer momento da vida pode desenvolver um transtorno mental ou adquirir uma deficiência é a chave para a diminuição desses preconceitos. Precisamos colocar mais pessoas com deficiências fazendo as coisas comuns a qualquer pessoa para que o mundo passe a ver pessoas com deficiências e transtornos como seres humanos, antes de tudo, pois, como já disse lá atrás, ainda se vê muito essas pessoas como “presentes de Deus”, “anjos azuis” (no caso do autismo), “exemplos de superação”, “provação divina para os pais” ou mesmo como castigo de vidas passadas, forma de redenção etc. Além do que, ainda se pensa na pessoa com deficiência e transtorno como doente, coitada, digna de pena, indivíduo incapaz e que precisa de ajuda. Sem mudar essas mentalidades, fica difícil compreender os direitos dessas pessoas, e a acessibilidade fica comprometida. Se a música é para todos, como costumamos falar em nossos “discursos bonitos” em congressos e publicações, então por que ainda há tanta dificuldade em lidarmos com a inclusão de pessoas com deficiências e transtornos no meio musical?

## Referências

MINARI, Gustavo. Novo equipamento permite que surdos sintam a música na pele. *CanalTech*, 21 out. 2022. Disponível em: <https://canaltech.com.br/inovacao/novo-equipamento-permite-que-surdos-sintam-a-musica-na-pele-227759/>. Acesso em: 14 abr. 2023.